

Tempo vazio, tempo de prazer¹

Nádima Carvalho Olimpio da Silva²

Resumo: A dimensão do tempo sob a forma de espera de satisfação marca a origem de uma nova subjetividade no sujeito. A aceleração e as exigências do mundo moderno trazem impasses para o indivíduo que se depara com um novo perfil de sofrimento psíquico, com novos sintomas e desafios para a psicanálise.

“A psicologia do indivíduo tem como objeto o homem tomado isoladamente e busca saber os caminhos pelos quais ele tenta encontrar satisfação para suas moções pulsionais (...) o outro intervém com bastante regularidade como modelo e oponente de maneira que a psicologia individual é também social, nesse sentido ampliado, mas perfeitamente justificado.” (Freud, 1921, p. 91).

Mais de cem anos nos separam do momento emergente da psicanálise em Viena, nos anos de 1900. Somos chamados a repensar o homem desse século, na sua subjetividade e qual será o seu futuro em relação ao momento atual. Sendo a psicanálise o saber mais consistente construído pelo mundo ocidental, não pode ficar insensível às mudanças que vêm ocorrendo.

Estamos mais qualificados, mais informados, mais livres, porém mais isolados, mais solitários, e mais voltados à nossa imagem. O nosso tempo embora esteja facilitado pela comunicação - celular, computador, TV via satélite - é dificultado em função das nossas próprias demandas, que são inúmeras. Trabalhamos demais e não nos permitimos parar, nem “perder tempo”. Temos mais de um emprego, mais de um celular, várias atividades. Muitas vezes não dando conta de concluir ao que nos propomos e ainda não podemos ficar sem fazer nada, pois logo nos cobramos.

As mudanças são muito rápidas e não conseguimos acompanhar o desenvolvimento tecnológico; compramos um eletrônico hoje e meses depois, já está superado por outro mais moderno e atualizado, despertando interesse e cobiça.

¹Trabalho apresentado na VIII Jornada do GPAL

²Psicóloga e Psicanalista do GPAL

Os lugares que nos eram familiares se modificam num tempo rápido e já não os reconhecemos quando retornamos a eles num pequeno espaço de tempo. A alteridade perde a força afetando as famílias e a autoridade paterna é substituída pela parental.

As soluções rápidas exigem a aceleração do nosso tempo. A história e a cultura nos mostram nossas experiências através do tempo. Os povos antigos marcavam o tempo pelo sol, pela chuva, pelas estrelas, pela lua: tempo de plantar, tempo de colher, tempo de adolecer, tempo de iniciação sexual, e o tempo social. A experiência humana é marcada pelo tempo.

O tempo e a constituição do sujeito psíquico

A dimensão temporal sob forma subjetiva da “espera de satisfação” marca a origem do sujeito psíquico. Maria Rita Kehl (2009, p.111) diz: “O que define o psíquico não é o espacial, é temporal, não se pode localizar o Inconsciente Freudiano.”

O sujeito vai se formando psiquicamente pelo “tempo vazio”. Esse tempo de espera “pela experiência de satisfação” estará submetido ao outro que dele vai se ocupar. A mãe e o bebê vivem uma experiência a dois onde ela tem o que o bebê deseja; o alimento, porém tem também o aconchego, o cheiro o carinho, iniciando assim o primeiro laço feito com o mundo externo.

O intervalo entre a necessidade pulsional e a satisfação fará com que o bebê alucine essa presença materna tentando anular o vazio entre a espera e o seio que vem para saciar e tranquilizar. O bebê quer satisfação, mas também quer tranquilidade e nesse momento existe uma fusão entre o ódio e o amor. É nesse vazio da espera entre dar e receber, nessa primeira relação com o mundo que nos constituímos como sujeito.

De acordo com Maria Rita Kehl (2009, p.112), “Esse tempo instituído para cada sujeito no intervalo entre a tensão da necessidade pulsional e a

satisfação é o tempo vazio: sempre um espaço aberto que depende de outro. Daí não sermos senhores da nossa relação com o tempo.”

Essa vivência subjetiva do tempo vai nos ajudar a suportar as angústias, esperas e medos. Quando é suprimida ou acelerada, terá influência na constituição do sujeito psíquico, fazendo uma relação entre aceleração e depressão como sentimento social.

O depressivo tem um tempo que não passa que não espera “nada” e vai entrar em conflito com a rapidez do mundo atual e com a urgência que caracteriza a vida social. Não consegue entrar em sintonia com o tempo do outro e são tão incômodos nos dias de hoje como eram as históricas do sec. XIX. Não pertencem à demanda atual de competitividade e euforia, mas surge como um sintoma social do mal-estar na cultura atual.

A escolha da depressão, segundo Maria Rita Kehl (2009), dar-se-á no momento em que o pai imaginário se apresenta como rival da criança no segundo momento do atravessamento do complexo de Édipo. O depressivo se retira do campo da rivalidade fálica em vez de disputar o falo com o pai (e perder dele) prefere recuar porque não admite o risco da derrota – ou tudo ou nada. O sintoma depressivo eclode por não poder atender a essa demanda desenfreada pela competição e poder, nessa cultura do espetáculo.

A psicanálise, por ser um processo lento, favorece o depressivo a suportar a falta de sentido de sua vida psíquica. Independente do tempo de duração, oferecerá a possibilidade do reencontro do sujeito psíquico com a temporalidade perdida, começando pela recuperação da experiência atemporal das manifestações do inconsciente.

O “tempo de prazer” como uma das razões de transformações psíquicas

Surge uma nova economia psíquica onde mudam as relações do sujeito com ele mesmo e com o mundo. Existe uma manifestação inédita de prazer

coletivo. A falta de limites sobre o desejo provoca novos sintomas, mostrando a precariedade da condição subjetiva do sujeito.

A imagem é a condição para a conquista do outro e do seu lugar na sociedade. O indivíduo ganha pelo que fascina e conquista, mas perde na interioridade. Os afetos já não importam e 'o outro' é o objeto pelo qual eu me enalteço e glorifico.

Segundo Birman (2009, p.166), "É a manipulação do outro para exaltação de si mesmo. É a cultura do narcisismo e do espetáculo. Vive-se para a exibição e o que importa é a performance. Não podemos admirar o outro na sua diferença, porque não conseguimos desencantar de nós mesmos."

Estamos vivendo um momento em que o desejo não é recalcado e vive-se um gozo sem limites. Sofremos com a falta de referências, já não temos novos ídolos nem personagens importantes para serem respeitados e reconhecidos como representantes da autoridade num declínio total do modelo patriarcal. Jornais e revistas se ocupam de celebridades instantâneas, apontadas pela mídia como possuidoras do poder, passando a imagem do sucesso social e econômico.

Vivemos numa demanda compulsiva pelo consumo de bens materiais e num apelo por um ideal estético de juventude e beleza. Temos que nos apresentar saudáveis, elegantes e de preferência "sarados". Os pais se confundem com os filhos nesse adolescer. Não sabemos mais quem é o pai e quem é o filho, pois se vestem da mesma maneira, frequentam os mesmos lugares, usam as mesmas gírias, em uma busca de juventude eterna, e uma satisfação a qualquer preço. A busca de algo absoluto e impossível engajando o sujeito num desejo sempre insatisfeito.

O acesso às informações não aumentam o conhecimento, pois as leituras são rápidas, os escritos abreviados e substituídos por símbolos para facilitar e encurtar o tempo. Não se pode perder tempo!

O espaço virtual se tornou a febre entre os jovens e até entre as crianças, afastando o sujeito da realidade e da proximidade com outras

peças. Vivemos num momento em que o homem está precedendo do outro (até sexo se faz online). “Assoviar e chupar cana é o lema: Tudo é possível!”

Um novo cenário social está surgindo com novas idéias ,novos julgamentos sob uma forma de revolta e agressividade.

Segundo citação de Charles Melman (2008, p.16), “Hoje nos autorizamos por nossa existência e constituímos nossa própria área. É o movimento que segue seu próprio impulso numa economia organizada pela exibição e pelo gozo e não pelo recalque.”

O recalque dos desejos na cultura das neuroses está mudando para uma livre expressão desses desejos promovendo uma cultura da perversão. O mal-estar que se instala na cultura emerge para a transgressão das leis e a incapacidade de acatar limites.

Como a psicanálise pode oferecer referências diferentes para ajudar esse novo sujeito a se encontrar? A psicanálise pode oferecer esse “lugar vazio”, onde permite que o sujeito fale e possa ser escutado e que ao se escutar, possa assim se encontrar e se reorganizar mesmo sofrendo. E, desse modo, tornar-se sujeito dele mesmo nessa nova sociedade e nesse mal-estar atual.

Referências bibliográficas:

BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização brasileira, 2009.

FREUD, Sigmund. *Psicologia de grupo e análise do Ego* (1921). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996.

KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão – a atualidade das depressões*. São Paulo: Ed. Bontempo, 2009.

MELMAN, Charles. *O homem sem gravidade – gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: companhia de Freud, 2008.

